

## O TEMA DA MORTE: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO

### The theme death: a proposal of education

Magali Roseira Boemer<sup>1</sup>  
Eugenia Velludo Veiga<sup>2</sup>  
Maria Manuela Rino Mendes<sup>2</sup>  
Elizabeth R. Martins do Valle<sup>3</sup>

#### RESUMO

A necessidade de educar os profissionais de saúde para o tema da morte vem se mostrando ao longo de nossa trajetória, durante a qual temos nos empenhado em construir um corpo de conhecimentos sobre a morte e o morrer. Desta forma, o conhecimento que vimos produzindo nos remete à questão pedagógica do tema. O presente estudo pretende contemplar essa dimensão na medida em que descreve e analisa a nossa experiência em estar educando alunos do curso de graduação de Enfermagem para lidar com situações que envolvem a morte e o morrer. De forma particular, procuramos desenvolver a formação dos alunos para a faceta de cuidar do corpo após a morte, numa proposta de transcendência do aspecto técnico deste cuidar. Com essa proposta educativa, empenhamo-nos em criar um espaço que possibilite uma formação sob a perspectiva de conduzir os educandos para outra dimensão existencial em seu ver e entender a morte.

**UNITERMOS:** morte, morrer, ensino.

#### ABSTRACT

The necessity of educating the Health Professionals to the theme Death is concerned has become so evident during our educational activities that we have striven for the construction of a knowledge body about death and dying. Therefore, the knowledge we have generating refers to the pedagogical aspect of the theme. The aim of this study was to focus such dimension as far as it describes and analyses our experience in educating nursing undergraduates to deal with situations involving death and dying. In particular, we try to developing our students in order to be able to provide care to the dead body in a proposal to transcend the technical aspect of this care. Bearing this educational purpose, we strive for a space that makes possible a formation in the perspective of leading the students to another existential dimension when facing and undstanding death.

**KEY WORDS:** death, to die, teaching

#### 1 INTRODUÇÃO

Muitos autores têm procurado evidenciar que a forma de se encarar a morte vem sofrendo transformações ao longo da História, contribuindo seus estudos para uma visão interdisciplinar do tema (Ziegler, 1977, Thomas, 1980, Kubler-Ross 1981; Aires, 1982. Kastenbaum, Aisemberg 1983, Marcílio, 1983).

Entre as transformações apontadas nesses estudos, o deslocamento do local do morrer (da casa para o hospital) merece atenção para o atendimento de uma forma de morrer que se tornou contextualizada, levando hoje os profissionais da Saúde a uma grande difi-

culdade em lidar com situações em que a morte se lhes apresenta de alguma forma.

Desde sua formação esses profissionais vão se sentindo compromissados com a vida, e é para a preservação desta que se sentem capacitados; sua formação acadêmica é fundamentada na cura e nela está sua maior gratificação. Assim, quando em seu cotidiano de trabalho necessitam lidar com situações que envolvem a morte e o morrer, em geral sentem-se despreparados e tendem a se afastar delas.

Segundo Volich (1985), para defender-se dessas situações potencialmente angustiantes, o profissional de saúde se fragmenta, se isola, nega e perde contacto com uma forma de ação que, mesmo desconfortante, faz parte de sua história e de sua essência. Cria para si uma falsa idéia de onipotência, de poder ilimitado de cura e passa a estabelecer com o outro uma visão de homem que nada tem de humano por ser fragmentária, idealizada e alienada tanto das perdas como da

<sup>1</sup> Professora-Associada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.

<sup>2</sup> Professoras-Assistentes da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto — USP.

<sup>3</sup> Professora-Doutora da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto — USP.

inevitabilidade da morte.

É nesse momento, conforme nos alertas esse autor, que o doente e o profissional que dele cuida tornaram-se cúmplices na manutenção de suas ilusões. O doente acredita que seu problema se constituiu unicamente em seus sintomas e que existe uma pessoa poderosa, dona de um sabor infalível, que é capaz de curá-lo. O profissional de saúde acata esta demanda e investe-se do poder de pensar que efetivamente pode suprir o que o paciente lhe pede.

Na manutenção desse engano mútuo, lembra Volich (1985), fecha-se o círculo para além do qual é impossível pensar existir qualquer outra espécie de conhecimento; é no âmbito de uma ciência que propicia esse engodo que o homem se refugia para se manter alienado de si e de seus semelhantes.

Algumas iniciativas por parte de Escolas de Saúde têm procurado possibilitar algum preparo aos seus alunos com vistas a interferir na situação que vimos expondo, de modo que os futuros profissionais possam ser preparados para lidar com situações que envolvem a morte e o morrer. Entretanto, esses esforços têm sido insuficientes numericamente, e seus resultados não se mostram efetivamente sensíveis no cotidiano das instituições de saúde.

O estudo realizado por Cappiello e Troyer (1979) sobre o papel das escolas de saúde no ensino sobre a morte e o morrer vem evidenciar essa insuficiência; esses autores puderam verificar numa Universidade de New York que, entre 209 professores da área de saúde, 14,4% incluíam o preparo para a morte como uma unidade regular em seus cursos; uma percentagem de 55% não incluía esse preparo, e os demais abordavam o assunto inserido numa unidade do curso.

Lewis (1977), como diretor de um Serviço de Educação de um hospital na Califórnia, alerta para a breve abordagem sobre a morte a estudantes da área de saúde e propõe experiências educacionais sobre esse tema.

Também Yarber et al. (1981), educadores em Saúde da Universidade de Lafayette, na Pensilvânia, enfatizam o papel da educação dos profissionais como recurso para habituá-lo a melhor atender os pacientes em sua terminalidade e propõem cursos de educação para a morte com vistas a identificar formas de ansiedade e formas para controlá-la. Observam ainda esses autores que algumas escolas têm procurado incentivar o desenvolvimento de programas educativos para o processo da morte, mas os resultados dessas iniciativas não têm sido muito divulgados. O estudo realizado por Mandel (1981) sobre os sentimentos de enfermeiras sobre o trabalho com pacientes moribundos evidencia sentimentos de medo, culpa, ansiedade, raiva, depressão que permeiam as dificuldades em lidar com situações de morte. Esse autor, diretor de uma instituição de saúde mental, defende a necessidade de uma educação multidisciplinar, de modo a preparar enfermeiros e médicos nessa área. Essa preocupação de orientação para a morte e o morrer é percebida também no relato de Marie (1978) sobre a experiência de criação de um programa educacional pa-

ra o pessoal do hospital Holy Cross — Silver Spring sobre a morte, o morrer e o luto, com vistas a uma nova postura do pessoal diante dessas situações.

Carpentier e Holland (1988) em artigo que aborda a morte e seu lugar como parte da vida, referem-se às dificuldades das enfermeiras em lidar com pacientes terminais e argumentam que a fase terminal requer tanta ou mais atenção que as outras fases da vida. Neste sentido, atentam para a carência de informações durante o período de formação da enfermeira no que se refere a esse tema e recomendam experiências educacionais nesse sentido.

O trabalho de Kübler-Ross (1979) com pacientes terminais tem sido significativo também no aspecto educacional, na medida em que a autora vem realizando seminários abertos a pessoas, que por alguma razão, buscam esclarecimentos sobre questões relacionadas à morte.

No Brasil, em 1982, o Seminário Interdisciplinar sobre "A morte e os mortos", organizado por Souza-Martins (1983) e realizado na cidade de São Paulo, sem dúvida representou um marco para os estudos sobre o tema, sendo muito referenciado pelos autores brasileiros. De forma particular, esse Seminário representou para nós um novo horizonte para nossa visão e concepção de morte.

Kovacs (1985), ao analisar o medo da morte em estudantes de graduação de várias áreas, transpõe seus resultados para a questão da educação. Essa autora vem ministrando a disciplina "Psicologia da Morte" a estudante do Curso de Graduação em Psicologia com a finalidade de discutir e possibilitar reflexões sobre o tema.

Paduan (1984), em seu trabalho de mestrado, também aborda a questão da educação para a morte: relata algumas das principais pesquisas realizadas no exterior e no Brasil e comenta o alto nível de ansiedade que se faz presente nos profissionais da saúde. A autora ressalta que algumas tentativas de trabalho educativo têm sido realizadas para prepará-los em relação à morte e ao morrer, e recomenda a implantação de cursos de Educação nesse sentido, bem como a integração interdisciplinar na elaboração de programas educativos.

Outra importante contribuição tem sido os trabalhos realizados pelo Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES-CLATES) com cursos como "O ensino da Problemática da Morte nas Escolas de Saúde", para docentes, assim como o que vem sendo desenvolvido pelo Instituto de Pesquisas Psicossociais da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, que, sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Wilma Torres<sup>4</sup>, vem contribuindo para a questão educacional ao oferecer anualmente um curso de tanatologia a profissionais de saúde e de outras áreas.

Nos estudos que vimos realizando sobre o tema da morte, temos procurado enfatizar a necessidade de preparar alunos e profissionais de área da saúde para interagir nas situações em que a morte se faz presen-

<sup>4</sup> Coordenadora da equipe de Tanatologia do ISOP - Av. 13 de maio, 23 - 12º andar. Rio de Janeiro, CEP 20031.

te no mundo do hospital (Boemer 1989, Boemer et al. 1988, Boemer et al. 1989, Boemer e Do Valle 1988). Desde o início destes estudos, vimos introduzindo a abordagem do tema para alunos do 1º ano do Curso de Graduação em Enfermagem, matriculados na disciplina "Instrumentos Básicos de Enfermagem" por nós ministrada. Para tanto, temos utilizado como referencial o estudo de Kubler-Ross (1981), quem identifica, a partir de seu trabalho com pacientes terminais, fase ou estágio pelos quais eles passam ao perceber a iminência de sua morte.

Em nossa tese de doutorado (Boemer, 1989), já havíamos registrado o desconforto que vínhamos observando nos alunos quando da proposta do título da aula "Comunicação com o paciente à morte", desconforto esse que se expressa sob as mais diversas formas. Nesse momento é possível perceber que a idéia de que serão profissionais da saúde, comprometidos com a preservação da vida, em oposição a possibilidade da morte, já se instalara nesses alunos de 1º ano.

Entretanto, apesar do desconforto inicial, tem sido possível conduzir essa experiência de forma positiva e essas aulas têm se constituído em momentos de muitos questionamentos e discussões com grande participação dos alunos. São muitos os que se dirigem a nós no final da aula ou nos procuram posteriormente para solicitar biografia complementar ou manifestar interesse em aprender mais sobre o tema. Experiências revestidas de dificuldades pessoais também têm permeado as falas dos alunos quando nos procuram.

No 2º ano de graduação, esses alunos cursam a disciplina "Fundamentos da Enfermagem" (também ministrada por nós), quando iniciam sua prática hospitalar através da realização de estágios. Assim, no momento em que já estão vivenciando o mundo do hospital, temos retomado a abordagem do tema da morte, agora sob a perspectiva da situação dos pacientes terminais hospitalizados.

Nessa abordagem temos procurado discutir com os alunos facetas que se mostram importantes nessa situação, as quais podem se constituir num encaminhamento da assistência de enfermagem. Nessa etapa do curso, os alunos já se encontram realizando estágios nas enfermarias; muitos já tiveram, portanto, a oportunidade de experienciar o relacionamento com pacientes terminais ou presenciar situações de morte no hospital. Assim, o nosso dizer sobre a morte extrapola aquele dizer do 1º ano, na medida em que, dado o seu experienciar, esse dizer se reveste de maior sentido para os alunos nesse momento de seu "ser enfermeiro".

Essa proposta de educar para a morte e para o morrer vem ganhando mais algum espaço desde 1987, quando uma docente da área de Ensino de Enfermagem Médica, ministrada para alunos do 2º ano de Graduação em Enfermagem, solicitou nossa colaboração no que se referia à aula sobre "Preparo do corpo após a morte". Pudemos, então, de forma conjunta, discutir algumas questões que compartilhávamos e que nos incomodavam em relação a este conteúdo:

— sua abordagem se constituía, muitas vezes, em

motivo de desconforto para os alunos e para os docentes;

— muito embora houvesse uma fundamentação de natureza ética permeando a aula, o que permanecia para os alunos era a idéia do preparo técnico do corpo, enquanto tarefa árdua e geradora de desconforto;

— os alunos logo manifestavam sua intenção de, uma vez graduados, delegarem essa tarefa aos outros membros da equipe de enfermagem.

Essas constatações nos levaram a procurar estratégias que nos permitissem chegar a uma outra dimensão na abordagem desse conteúdo, com alguns resgates daqueles já ministrados por nós em disciplinas anteriores. Desta forma, numa proposta pedagógica conjunta com duas docentes da disciplina "Enfermagem Médica" e uma docente de Psicologia, procuramos possibilitar aos alunos uma nova visão sobre o papel da enfermagem no que concerne ao preparo do corpo após a morte sob a perspectiva de corpo de uma pessoa a quem cuidamos em vida.

Desta forma, face à carência de trabalhos que tratam da dimensão pedagógica do tema, julgamos importante descrever e analisar essa experiência de estar educando para a morte.

## 2 TRAGETÓRIA DA EXPERIÊNCIA

### 2.1 Referencial teórico

Como já nos referimos, a proposta pedagógica foi dirigida para alunos do 2º ano do Curso de Graduação em Enfermagem que cursaram a disciplina "Enfermagem Médica" nos anos de 1987, 1988 e 1989.

A proposta norteou-se pela concepção de educação a partir do referencial da obra de Martin Heidegger (1967). Segundo Critelli (1981), pensar a educação a partir desse filósofo, exige de nós uma preocupação com a educação mesma, e não em nos engajarmos apenas na construção de técnica de ensino. A análise de Critelli ao tratar da educação segundo a ontologia heideggeriana, fornece-nos um conteúdo que se nos apresenta como relevante porque fundamenta o nosso pensar a educação para a morte.

O que se nos apresenta sob o referencial de Heidegger, analisa Critelli (1981), é que a educação é o homem sendo-como-o-homem de uma maneira particular. Este sermos-uns-com-os-outros é o que se oferece como "a oportunidade" da educação. Nesse sentido, ela não está confinada às escolas e não pode ser tomada como tarefa a ser concretizada, pois, nesse caso estaríamos dando-lhe outro atributo: a instrução.

Instrução e educação são fenômenos que nada têm a ver um com o outro. Instruir é treinar, condicionar, informar. Educar\*, por sua vez, vem do latim "educere", que quer dizer "conduzir", ou "arrancar para fora", subentendendo de uma condição de existência para outra.

No fenômeno instrução, o que se manifesta com seu constitutivo básico são os processos, conteúdos, instrumentos, objetos e objetivos da instrução. As relações homem-homem, neste âmbito, não são mais a "oportunidade", mas os "subsídios" da concretização

de tal tarefa.

A aproximação à ontologia heideggeriana dessa questão é efetuada por Critelli (1981)<sup>5</sup> na tentativa de abrir caminho à recuperação da "educação" mesma e enquanto tal. Essa proposta implica em resgatar para o fenômeno educação o lugar onde encontra-se a relação homem-homem, o lugar onde vemos os homens sendo-uns-com-os outros enquanto oportunidade de educação.

Vista desse modo, a educação pode resgatar seu sentido original de autoridade (angere-late) enquanto "fazer crescer", o que pode nos abrir possibilidades de caminhos para as questões a ela referentes.

Tendo como base esse pensar, buscamos uma forma de conduzir os alunos num processo de educação para a morte que lhes possibilitasse novos horizontes para seu pensar a assistência de enfermagem a ser prestada a um corpo após a morte. Um educar sob a perspectiva de conduzir o educando para outra dimensão existencial no seu ver e entender a morte.

## 2.2 Processo de condução da educação

Iniciamos nossa ação pedagógica a partir de considerações acerca da clientela para a qual esses alunos prestam assistência de enfermagem nesse momento de seu vivenciar acadêmico. Os estágios da disciplina realizam-se nas duas Unidades do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo: — Unidade de Emergência e Hospital do Campus, nas enfermarias de clínicas médicas. Os pacientes internados na Unidade de Emergência freqüentemente apresentam estado clínico considerado grave e requerem tratamento de complexidade, envolvendo cuidados intensivos. Isto os torna bastante semelhantes aos pacientes que requerem terapias intensivas.

Por outro lado, tanto na Unidade de Emergência como no Hospital do Campus, é grande o número de pacientes idosos nas unidades clínicas de internação, conforme já assinalara o trabalho de Mendes (1989). É expressivo também nas enfermarias o número de jovens, em fase de adolescência.

Essas considerações sobre a clientela a ser cuidada pelos alunos revestem-se de grande importância diante de um pensar a educação no referencial de Heidegger (1967): é necessário levar o educando pelo caminho da busca do conhecimento daquilo que tem significado para ele no seu vivenciar o seu sendo-enfermeiro. Recuperar ainda uma ação de educar eminentemente reflexiva que pode conduzir ao desenvolvimento da consciência das coisas e dos fatos que circundam seu estagiar nessas enfermarias, iniciando o seu habitar o mundo do hospital.

A partir dessas considerações, foi possível selecionar material bibliográfico que contemplasse a clien-

tela a ser assistida pelos alunos, material esse que dispúnhamos em razão de nossos estudos sobre o tema da morte: "A idéia de morte no idoso"; "A idéia de morte em terapia intensiva"; "O significado do cuidar da criança com câncer: visão das enfermeiras".

Num segundo momento, retomamos os conteúdos sobre morte, já ministrados em "Instrumentos Básicos", em "Fundamentos de Enfermagem" e em "Psicologia" como forma de resgate desses conteúdos considerados básicos; a seguir, expusemos que a finalidade da aula era dar continuidade ao tema, agora mais voltado para a clientela com a qual estavam interagindo nos estágios. A classe dividiu-se espontaneamente em três grupos, sendo que cada grupo se ocupava da leitura de um dos três trabalhos referidos, para o que dispunham de uma hora aproximadamente. Posteriormente, um aluno de cada grupo apresentava o conteúdo do texto e, após as três apresentações, abria-se a discussão. Dispúnhamos de um total de três horas.

Pudemos perceber que inicialmente essa proposta de discussão não encontrava ressonância entre os alunos: permaneciam silenciosos, reticentes, uma e outra fala carente de repercussão frente aos demais colegas. Algumas vezes havia expressão de emoção por parte de algum aluno que referia estar vivenciando um relacionamento com paciente terminal; por outras vezes, havia expressões claras de desconforto, como a de alguns alunos mexendo-se o tempo todo nas carteiras ou manipulando de forma abrupta e brusca os seus cadernos, pastas e bolsas, surgindo um "aprontar-se" para ir embora.

Gradativamente nós, docentes, fomos auxiliando na condução da discussão, respeitando o silêncio do grupo e propondo a busca do significado desse silêncio. De forma lenta, porém contínua, os alunos se achegavam para a discussão dos textos quando pedíamos para trabalhar a questão da morte, e de forma mais particular, as situações de morte expressas no conteúdo das leituras.

A recuperação da presença humana, o resgate da pessoa enquanto ser que experiencia a sua terminalidade ia permeando as discussões, permitindo também o emergir da angústia que estava presente nos alunos nesse lidar com situações de morte no mundo do hospital. Os que já haviam cuidado de um paciente terminal relatavam a experiência e as dificuldades a ela pertinentes, e uma intersubjetividade ia se estabelecendo entre eles.

Os alunos, sujeitos dessa proposta de educar, puderam, na relação intersubjetiva, trocar suas experiências, confrontá-las e obter algum grau de crescimento na sua maneira de pensar a morte e seu papel junto ao homem que vivencia sua terminalidade.

Através das suas falas sobre o seu experienciar o cuidado ao paciente terminal, puderam perceber, com nosso auxílio, que elas convergiam para o que se mostrava a eles como essencial nesse cuidado: o estar junto ao paciente, sem fórmulas ou receitas, o "estar-com".

<sup>5</sup> DOMINO DU CANGE; CLOSSARI MEDIAE ET INFIMAE SATINITATUS. AKADEMISDCTE DRUCK — V.VERLAGSANSTALT. Áustria: 1945. p.231 apud CRITELLI, Dulce Mara Educação e Dominação Cultural: tentativa de reflexão ontológica. São Paulo: Cortez Editora: Autores Associados, 1981.

Cuidar do corpo após a morte emerge, então, como constitutivo do cuidado do homem a quem cuidamos em vida e como última possibilidade de assistência a um corpo que já não abriga o SER. Essa dimensão de cuidado ao corpo vem transcender à questão técnica de tamponamento de cavidade de um corpo sem vida, podendo se construir em uma via para respostas aos questionamentos em relação ao ensino do preparo do corpo do homem após sua morte.

### 3 ANÁLISE COMPREENSIVA DA PROPOSTA

Num terceiro e último momento da experiência, procuramos ouvir dos alunos os seus depoimentos em relação ao significado dessa oportunidade de estar aprendendo sobre a morte. Desta forma, os setenta e quatro alunos presentes a esta aula nos anos de 1987, 1988 e 1989 nos deram seus depoimentos individuais, por escrito, em relação à questão orientadora que apresentamos a eles: "o que significou para você essa oportunidade de aprender sobre a morte e o morrer?"

De posse desse depoimento, pudemos efetuar uma análise buscando suas convergências, ou seja, as falas que se fazem presentes nos depoimentos e que apontam para a essência do significado.

Segundo o referencial da metodologia fenomenológica de pesquisa, a repetitividade refere-se ao invariante, àquilo que permanece e que aponta para a essência (Martins, Bicudo 1983, 1989). Ainda segundo essa metodologia, a fala é entendida enquanto discurso (logos) e, nesse sentido, é parte do Ser que se revela, que se manifesta (Beaini, 1981). Assim, a análise pela leitura atenta dos setenta e quatro depoimentos, nos permite algumas considerações sobre nossa proposta pedagógica<sup>6</sup>.

A oportunidade de falar sobre morte nesse momento de seu vivenciar acadêmico mostrou-se a eles como algo importante. Essa importância surge em sua fala sob diversas formas de expressão: "válida", "importante enquanto momento de reflexão", "importante por mostrar que precisamos nos inteirar mais do assunto, "por possibilitar troca de experiências". Há também falas que expressam o significado da experiência como "interessante" ou "significou muito" embora sem explicar a que esse "muito" se refere.

A convergência dos depoimentos em relação à importância que atribuíram a essa oportunidade é bastante clara, tendo surgido em sessenta e seis depoimentos. Muitos embora a convergência seja analisada em termos do invariante, da repetitividade, não estando necessariamente atreladas à questão numérica, julgamos importante salientar esse aspecto enquanto pode ressaltar o que se mostrou. A essa convergência seguem-se outras a ela interligadas que gostaríamos de comentar. Em sessenta e um depoimentos surge na fala dos alunos alguns "motivos" que os levaram a perceber essa experiência como importan-

te. O atribuir causas à importância da experiência surgiu espontaneamente, sugerindo que a experiência proporcionou algum novo horizonte na maneira de ver a morte.

Assim, os depoimentos referem-se a essas causas da seguinte forma:

"Foi importante porque é um assunto que evitamos".

"Foi importante porque é um assunto difícil de ser dito, tratado e discutido."

"Foi importante pudemos perceber a necessidade de ouvir, ler e falar sobre ele.

É um assunto que deveria ser mais estudado."

"Foi importante porque pudemos ver que é preciso tratá-lo com naturalidade, poder encará-lo.

É interessante observar que esse mostrar-se do tema aos olhos dos alunos remete-os à percepção da necessidade de ter mais experiências desse tipo. Vejamos algumas falas nesse sentido:

"É um tema que deveria ser mais estudado."

"Requer uma aprendizagem contínua".

"É necessário ouvir, ler e falar muito mais sobre o assunto."

"Acho necessário que continuem existindo aulas, discussões e palestras a respeito desse assunto".

A análise desses depoimentos nos possibilita atentar para outra convergência que diz respeito a angústia que sentem diante do tema. Em cinquenta depoimentos, a angústia surge de forma clara ou velada, permeando-os. Dizem os alunos:

"A morte provoca medo, queremos fugir..."

"É um tema difícil, e muito duro..."

"É um tema assustador, aterrorizante, a perda é muito dolorosa".

"Tenho certeza, mais uma vez, de que não a quero para mim".

"Falar sobre morte retira meu ânimo e humor".

"Falar sobre ela proporciona alívio da angústia que sentimos".

O falar sobre a morte, ainda sob que o enfoque da morte do outro, no cotidiano do mundo das enfermarias do hospital, leva o aluno, enquanto Homem, a pensar a própria morte, e a revelação do conteúdo da existência humana, do qual a morte faz parte, traz consigo a angústia.

Angústia, diz Heidegger (1969), surge da característica fundamental do Ser-aí como o ente cujo SER se orienta pela preocupação com sua própria existência. É esse modo existencial que o separa de todos os demais entes do universo. A angústia básica, a angústia de ser finito ante a ameaça do não-ser não pode ser eliminada, pertencente à existência mesma e essa angústia, diz o filósofo, não pode, para um ser finito, ser enfrentada mais do que por um breve instante, tal o horror e o desespero que podem se apoderar dele. Daí, a angústia ser transformada freqüentemente em medo.

"A angústia radicalmente diferente do temor; nós nos atemorizamos sempre diante deste ou daquele ente determinado que sob um ou outro aspec-

<sup>6</sup> Os depoimentos escritos encontram-se, à disposição dos leitores, com os autores.

to determinado nos ameaça... A angústia é sempre angústia **diante de** e não disto ou daquilo. A angústia **diante de** é sempre angústia por mas não isto ou aquilo" (Heidegger, 1969).

O que podemos apreender através da leitura atenta dos depoimentos dos alunos é que, paralelamente à sua angústia diante da morte enquanto seres-af, surge a sua percepção de que estão lidando com a morte e o morrer no seu cotidiano, e isso os atemoriza porque possibilita o medo por situações de morte, expressas na figura de cada paciente terminal.

Retomando aqui o pensar de Heidegger (1969), as falas dos alunos caminham de um sentimento de angústia de para um medo por, o que nos leva a dizer que já habitam o mundo do hospital, percebem a morte como fazendo parte desse mundo e a temem,

Essa percepção surge nas falas dos alunos em cinquenta e seis depoimentos. Vejamos algumas dessas falas:

"Foi importante.. para que nos sintamos mais preparados para enfrentar a morte no nosso dia-a-dia, pois é claro que ela irá surgir."

"...é uma situação quase freqüente nos campos de estágio que precisamos encarar melhor".

"Estou convivendo com a morte diariamente no hospital."

"Foi importante porque é uma situação com a qual sempre vamos nos deparar".

"Acho que terei muita dificuldade em conversar com pacientes terminais."

"...uma situação que pode-se dizer comum de ser vivenciada em nosso campo de estágio".

"Nós, profissionais de saúde, temos que lidar com a morte. De certa maneira temos que nos acostumar com ela mas, quando se faz presente em nosso meio, toda a estrutura que temos vai abaixar e deve ser remanejada".

"Temos que aprender a enfrentar o problema da morte de nossos pacientes".

"... para tentarmos enxergar mais de perto a realidade que nos acomete ao lidarmos com um paciente em fase terminal".

"...mas nós, futuros enfermeiros que vamos conviver tão próximos da morte..."

"... mais cedo ou mais tarde teremos que enfrentar e assumir o paciente em sua fase terminal..."

"A morte é uma situação vivenciada a cada dia no hospital".

Nota-se que essas falas são dos mesmos alunos que, durante a abordagem que realizamos quando cursavam o 1º ano, manifestaram estranheza diante do tema da morte num curso da Área da Saúde. O que podemos observar é que, à medida que passaram a habilitar o mundo do hospital, puderam situar a morte como fazendo parte desse mundo.

As suas falas convergem também quando referem que esses momentos de discussões e reflexões, apesar de se apresentarem como difíceis e angustiantes, também proporcionam algum alívio, o que traz à tona a ambigüidade que o ser humano apresenta diante da morte; dizem ainda que esses momentos significam

muito para o "estar — aprendendo" a lidar com situações em que a morte está presente.

Alguns depoimentos indicam que os alunos lembram-se que o tema fôra abordado em disciplinas anteriores. Vejamos algumas falas nesse sentido, onde grifamos as frases indicativas dessa lembrança: "Acho que a importância desta aula está em **termos retomado** de algum assunto... Esta aula **acrescentou** muito..."

"Significou **aprender um pouco mais** sobre a morte, **mais uma chance** de poder lidar com ela..."

"Embora **já houvéssemos ouvido e estudado** sobre a morte, nunca é demais **reforçar** a sua participação não só no hospital mas no dia-a-dia de cada pessoa."

"Estas exposições sobre o tema morte **têm me ajudado** a ancorá-la de forma mais natural e me dado alguma estrutura para lidar com ela..."

"Até hoje, **apesar de todas as aulas** que já tivemos, ainda tenho muita dificuldade de lidar com o tema "morte".

"Para mim esta aula foi uma oportunidade **a mais**, para aumentar os nossos pensamentos e sentimentos sobre a morte e de entendê-la melhor".

"É muito bom conhecer **aos poucos** sobre esse assunto".

"Essa aula significa alguma coisa sim e veio **acrescentar alguns outros** conceitos sobre a morte e o morrer..."

A análise dessa experiência vem referendar nossa postura em relação à necessidade de introduzir a abordagem de educação para a morte no início do curso de graduação, não só das escolas de Enfermagem, mas de Escolas que graduam seus alunos para profissões da saúde e que se disponham a criar espaços para compreensão do fenômeno morte, presente no cotidiano das instituições de saúde. Essa abordagem precisa abranger o curso de graduação como um todo, permeando o conteúdo das diversas disciplinas e criando espaço nos estágios para se discutir sobre as situações de morte.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dessa experiência de "estar — educando para a morte" nos permite vê-la como geradora de contribuição para o curso de graduação em Enfermagem, pois abre um caminho que pode possibilitar aos graduandos o transcender o aspecto ôntico do exercício da enfermagem, na medida em que completa também a dimensão ontológica do Homem que cuidamos. Esse Homem tem a morte como possibilidade concreta de sua existência.

"Estar — com" o Homem que vivencia sua finitude pode representar uma via para o resgate da essência da enfermagem que, ao lado dos aspectos ônticos

ticos, possa conter a dimensão ontológica do cuidado. Nesse sentido, a educação para a morte mostrou-se uma experiência que possibilita também um repensar o cuidado de enfermagem com o Homem sujeito e objeto desse cuidado, pois o referencial sob o qual pensamos o fenômeno educação vê este como o lugar onde, com primazia, se dá a relação Homem-Homem.

Ainda que sob limitações relacionadas ao tempo disponível para a abordagem do tema como a que realizamos, ainda que tenha ela ocorrido de forma compartimentalizada face à estrutura curricular, ainda que dadas as nossas próprias limitações, a experiência mostra que o professor pode, no seu sendo-com-os-alunos, conduzi-los em direção ao SER do Homem ao abordar a sua finitude.

Concordamos com Forghieri (1984, p.13) quando diz: "O mestre deve ser a pessoa que ajuda seus alunos a desvendarem os caminhos de sua existência, dentro do fisicamente pequeno, mas vivencialmente imenso espaço de um sala de aula".

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ARIES, P. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. v.1, v.2
- 2 BEAINI, T.C. *A escuta do silêncio: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger*. São Paulo: Cortez, 1981.
- 3 BOEMER, M.R., DO VALLE, E.R.M. O significado de criança com câncer visão de enfermeiras. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.41, n.1, p.56-63, jan./mar. 1988.
- 4 BOEMER, M.R. et al. A idéia de morte no idoso, uma abordagem compreensiva. *Geriatrics em Síntese*, v.5, n.2, p.52-56, 1988.
- 5 BOEMER, M.R. et al. A idéia de morte em Unidade de Terapia Intensiva. Análise de depoimentos. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v.10, n.2, jul. 1989.
- 6 BOEMER, M.R. *A morte e o morrer*. 2.ed., São Paulo: Cortez, 1989.
- 7 CAPPIELLO, L.A., TROYER, R.E. A study of the role of health educators in teaching about death and dying. *J. Sch. Health*, v.49, n.7, p.397-339, 1979.
- 8 CARPENTEIR, S., HOLLAND, N. La mort et sa place dans notre vie. *The Canadian Nurse*, v.84, n.3, p.33-35, mar. 1988.
- 9 CRITELLI, D.M. Para recuperar a educação: uma aproximação a ontologia heideggeriana. IN: HEIDEGGER, M. *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes, 1981.
- 10 FORGHIERI, Y.C. et al. *Fenomenologia e psicologia*. São Paulo: Cortez. 1984.
- 11 HEIDEGGER, M. *El ser y el tiempo*. México: Fondo de Cultura, 1967.
- 12 HEIDEGGER, M. *O que é a metafísica*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- 13 KASTENBAUM, R., AISEMBERG, R. *Psicologia da morte*. São Paulo: Pioneira, USP, 1983.
- 14 KOVACS, M.J. *Um estudo sobre o medo da morte em estudantes universitários na área de saúde, humanas e exatas*. São Paulo: USP, Instituto de Psicologia, 1985. 135p. Tese (Mestrado)
- 15 KÜBLER-ROSS, E. *Perguntas e respostas sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- 16\_\_\_\_\_. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- 17 LEWIS, F.M. A time to live and time to die: an instructional drama. *Nursing Outlook*, v.25, n.12, p.762-765, 1977.
- 18 MANDEL, H.R. Nurses feelings about working with the dying. *American Journal of Nurse*, v.81, n.6, p.1194-1197, 1981.
- 19 MARCILIO, M.L. A morte na história. IN: SOUZA MARTINS, J. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucited, 1983.
- 20 MARIE, H. Reorienting staff attitudes toward the dying. *Hosp. Prog.*, v.8, p.74-92, 1978.
- 21 MARTINS, J., BICUDO, M.A.V. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Moraes, 1983.
- 22 MARTINS, J., BICUDO, M.A.V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes, 1989.
- 23 MENDES, M.M.R. *Enfermagem gerontológica e geriátrica; do estado da arte no Brasil a uma proposta para o ensino de graduação*. Ribeirão Preto: USP/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 1989, 231p. Tese (Mestrado)
- 24 PADUAN, M.A. *A educação de alunos de graduação em Enfermagem em relação à morte e o morrer*. Ribeirão Preto: USP/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 1984. 124p. Tese (Mestrado)
- 25 SOUZA MARTINS, J. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucited, 1983.
- 26 THOMAS, L.V. *Anthropologie de la mort*. Paris: Payot, 1980.
- 27 VILICH, R.M. *Aparece no mercado a tanatologia*. Folha de São Paulo, São Paulo, 7 abr. 1985. p.49.
- 28 YARBER, W.L. et al. Effects of death education on nursing students anxiety and locus of control. *J. Sch. Health*, v.51, n.5, p.367-372, 1981.
- 29 ZIEGLER, J. *Os vivos e a morte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Endereço do autor: Magali Roseira Boemer  
 Author's address: Rua Cerqueira Cesar, 880 ap. 112  
 14010 — Ribeirão Preto — São Paulo